

Fogem dos livros como o diabo da cruz : a propósito, onde estão os super heróis e a mangá?

Adalberto Barreto

Câmara Municipal de Lisboa. Departamento de Bibliotecas e Arquivos. Bedeteca.

Rua Cidade do Lobito, Palácio do Contador Mor

1800-088, Lisboa

Tel: 218536676

E-mail: adalberto.barreto@cm-lisboa.pt

RESUMO

Tradicionalmente o público juvenil (13-18 anos), sobretudo do sexo masculino, é aquele que mais dificilmente participa nas actividades de leitura promovidas pelas bibliotecas públicas. Por outro lado, e segundo um inquérito realizado pela Bedeteca de Lisboa em 2005, a maioria das bibliotecas portuguesas não tem e não adquire o estilo de literatura gráfica mais apreciada pelos adolescentes, designadamente a banda desenhada de origem norte-americana e japonesa. Ao contrário do que muitos pensam é possível encontrar materiais em banda desenhada (dentro destes estilos) de inegável qualidade destinados aos adolescentes, embora a banda desenhada ligeira (de menor qualidade) também possa ter um lugar na biblioteca. A presente comunicação pretende, assim, sensibilizar as bibliotecas para a utilização destes materiais como ferramenta poderosa e de subestimada importância para a promoção de hábitos de leitura entre os adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Banda desenhada, Bibliotecas públicas, Promoção da leitura, Adolescentes

INTRODUÇÃO

Preocupados em conquistar novos públicos e também com a conquista de potenciais clientes que ainda não se atreveram a entrar na biblioteca, muitos profissionais começaram a alargar as suas colecções para áreas que tradicionalmente não eram contempladas. É normal, ao vaguearmos pelas bibliotecas da rede de leitura pública, depararmo-nos com os mais diversos materiais dedicados à jardinagem, *bricolage*, culinária ou ponto cruz. É normal e é positivo. Contudo, o que não nos parece tão positivo é o facto de ainda não encontrarmos oferta documental apelativa a uma franja etária da população que foge por natureza, ou mesmo por instinto, à leitura tradicional. Os adolescentes. Na verdade, não fogem das bibliotecas. Utilizam-na em larga escala como espaço para aceder à Internet, aos jogos de vídeo, aos filmes e até como espaço para fazer trabalhos escolares, mas não a utilizam (ou utilizam com menor frequência) para a leitura. E sobretudo não a utilizam para a leitura lúdica. A leitura que muitas vezes permite adquirir e consolidar os hábitos que nos deverão acompanhar ao longo da vida no estudo, no trabalho e no lazer.

Apesar da sua imensa popularidade, algumas pessoas consideram que a BD não é mais do que um género de histórias. No caso de histórias de aventuras. Contudo,

apesar de ser uma opinião corrente, é uma opinião infundada uma vez que a banda desenhada ficcional comporta uma série de géneros e até sub géneros, incluindo histórias realistas, contemporâneas, humorísticas, História, contos e lendas de super heróis e *mangá*. Por outro lado, embora a ficção seja muito popular, também existe oferta de banda desenhada não ficcional desde biografias, autobiografias e reportagens.

A DIVERSIDADE DOCUMENTAL : POSIÇÕES DA ALA E DA IFLA SOBRE A BANDA DESENHADA

O «Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas» prevê que «todos os grupos etários devam encontrar documentos adequados às suas necessidades. As colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade. As colecções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura...» [1]. E as recomendações da IFLA (*International Federation of Libraries Association*) para o acolhimento de adolescentes e jovens adultos nas bibliotecas públicas segundo as quais «é importante fornecer aos adolescentes e jovens adultos uma larga escolha de bandas desenhadas, bem como CDs musicais e outros documentos ou suportes da sua preferência» [2].

Segundo a ALA (*American Library Association*) e YALSA (*Young Adult Library Services Association*), a banda desenhada hoje em dia é mais sofisticada e variada em termos de conteúdos do que era há algumas décadas atrás e goza, também, de um estatuto de respeitabilidade que anteriormente lhe era negado [3]. Contém alguns dos mais criativos trabalhos publicados nos nossos dias. Promove a literacia verbal e visual, assim como o amor pela leitura. Uma boa colecção de banda desenhada é apelativa aos adolescentes e jovens em geral que de outra forma talvez nunca viessem a ler ou a explorar os recursos da biblioteca.

Num inquérito realizado pela ALA às bibliotecas públicas norte-americanas, 97% responderam que incluem a banda desenhada nas suas colecções, contra 3% que não incluem. Dessas, 77% não tiveram qualquer espécie de problema com a referida colecção (queixas de pais, associações de leitores, professores, etc.), contra 23% que tiveram. Note-se, a este respeito, que o velho puritanismo, ainda constitui um poderoso *lobby* em algumas comunidades norte americanas e na imprensa surgem com frequência notícias de tentativas de censura de determinadas bandas desenhadas nas bibliotecas públicas (sobretudo *mangá* por causa do nudismo e “excesso” de acção), com a utilização de argumentos do género «não queremos que gastem o

dinheiro dos nossos impostos com estes livros» [4]. A ALA é, no entanto, uma associação que se tem pautado pelo combate a este tipo de manifestações, bem como a todo o tipo de censura nas bibliotecas, de resto tal como a IFLA e a UNESCO.

Por outro lado, a BD começa também a sair do seu casulo tradicional e surge, cada vez mais, como assunto principal em artigos científicos e de opinião nos mais insuspeitos jornais e revistas como o *Library Journal*, *Educación y Bibliotecas*, *iTEM*, etc. Em comunicações de congressos (IFLA, ALA, ABF, ANABAD, etc.), em manifestos de organizações nacionais e internacionais (ALA, IFLA, UNESCO, etc.) e em sites profissionais (YALSA, *Absysnet*, *Comic Tecla*, etc.). Fora do meio das bibliotecas, a banda desenhada também vai encontrando um cada vez maior reconhecimento público, designadamente com exposições em grandes museus, um número crescente de teses académicas e de prémios literários de prestígio internacional.

VIVA O ACESSO À SUB LITERATURA!

Quando Jules Feiffer, o autor da obra “*The great comic book heroes*”, admite que «*first of all: comic books are junk*», parece que não há nada a fazer para defender a honra da banda desenhada. Contudo, as revistas de super heróis e outros objectos denominados “efémeros” ou “sub literatura” têm ganho cada vez mais respeito por uma ampla representação de pais e educadores. Na verdade, nem mesmo os autores e editores de banda desenhada do agrado dos *teenagers* alguma vez pensaram que os seus materiais ganhariam tal respeito. Em 1998 e 1999, a oferta de banda desenhada explodiu nas secções para adolescentes (*teen sections*) das bibliotecas públicas norte-americanas, especialmente a banda desenhada japonesa (*mangá*) [5]. A cultura popular japonesa é, neste momento, um dos pilares culturais dos adolescentes, não só no Japão, mas também em países como os EUA, França, Itália ou Espanha. Contudo, esta cultura popular está muitas vezes associada a uma espécie de *junk food* cultural. Esta associação é, no entanto, injusta pois no seio da banda desenhada, tal como nos outros meios de expressão culturais, artísticos e técnico-científicos (literatura, música, cinema, artes plásticas, fotografia, etc.) podemos encontrar trabalhos numa escala gradual que podem ir de “fracos” a “obras-primas”. Não deixa no entanto de ser curioso que consoante o meio de expressão em causa, as bibliotecas públicas possam utilizar dois pesos e duas medidas para avaliar a colecção. É interessante verificar, a este propósito, que caso as taxas de leitura o justifiquem não há problema algum em subtrair ou descartar a colecção de literatura venerável (*Hemingway*, *Whitman*, Pessoa ou *Borges*) para dar lugar a *best sellers* (*light literature*) que têm uma maior taxa de movimentação (*John Grisham*, *Danielle Steel*, *Dan Brown* ou Paulo Coelho). Isto acontece muitas vezes quando a gestão do espaço na biblioteca assim o exige [6]. No entanto, curiosamente, quando chega a hora de seleccionar a banda desenhada aí já prevaleçam os douts critérios da qualidade da obra. A este propósito defendemos que: se a literatura *light* tem espaço na biblioteca (em nome da promoção da leitura) então a banda desenhada *light*, por maioria de razão, também deverá ter. Segundo *Elaine Moskowitz* (bibliotecária e especialista em literacia) «a

banda desenhada gerou uma nova energia nos clientes da biblioteca». «Fiquei particularmente impressionada com a sua popularidade entre os adolescentes com pouca proeminência linguística. Talvez a melhor forma de encorajar as crianças e os adolescentes a lerem é expondo-os à literatura ligeira. Àquele tipo de literatura que as escolas fingem que não existe e que algumas crianças, por motivos económicos ou razões ideológicas, não têm acesso. Suspeito que a leitura *light* foi a forma como a maioria de nós adquiriu hábitos de leitura» [7]. Não concordando com a bibliotecária quando apresenta a banda desenhada no seu todo como literatura ligeira, não deixamos de concordar com o facto de a banda desenhada efectivamente ligeira poder desempenhar também um papel importante na promoção da leitura. Se Margarida Rebelo Pinto não joga propriamente na mesma divisão que *Shakespeare* ou Camões, mas tem lugar especial na biblioteca pública, então a Turma da Mônica e as piores revistas de super heróis, que não são propriamente a mesma bitola que «*Maus*» de *Art Spiegelman* também deverão ter o seu lugar cativo.

BANDA DESENHADA DE QUALIDADE

Muitos adolescentes são grandes entusiastas da banda desenhada porque se trata de um meio de comunicação distinto. Muito diferente, por exemplo, da maioria dos livros que estão habituados a ver os educadores utilizar na promoção da leitura. É natural que ao crescer com a televisão e com os jogos de vídeo os jovens adolescentes sintam mais afinidade com suportes que tenham o mesmo impacto visual ou gráfico que estão habituados [8]. Geralmente a banda desenhada de super heróis e *mangá*, dois géneros com bastante impacto visual, é mais adequada à promoção da leitura entre os jovens fãs de televisão e jogos de vídeo do que a lista oficial de títulos recomendados para os jovens adolescentes. A título de exemplo o Plano Nacional de Leitura de 2006, não recomenda a leitura de qualquer título de autores americanos ou japoneses. Nas obras recomendadas para o 2º ciclo (5º e 6º anos) encontram-se apenas alguns dos grandes nomes da banda desenhada franco belga nomeadamente *Hergé*, *Goscinny*, *Edar Pierre Jacobs*, contudo, ficam de fora nomes que criaram magníficas histórias de super heróis e *mangá* como *Alan Moore*, *Neil Gaiman*, *Katsuhiro Otomo* ou *Ozamu Tezuka*, certamente mais do agrado das actuais gerações e que nada ficam a dever, em matéria de qualidade literária, aos excelentes autores presentes na lista, já para não falar da ausência de nomes como *Art Spiegelman*, *Will Eisner* ou *Joe Sacco* que são dos mais consagrados autores contemporâneos. Para muitos jovens adolescentes a *mangá* e os super heróis são muito bem vindos, porque representam também um “safanão” nas estruturas de promoção da leitura tradicionais. São géneros dinâmicos, que combinam muito bem a palavra com a imagem, fornecem conteúdo e (pasmem-se) dão prazer a quem não tem hábitos de leitura.

Os super heróis, por exemplo, para além de serem muito populares entre os adolescentes (sobretudo do sexo masculino) são muitas vezes *items* com elevada qualidade literária. Como escreve e muito bem *Richard Gagnier* [8] existem poucos escritores de ficção que se possam comparar a argumentistas de BD como *Alan*

Moore, Frank Miller e Grant Morrison ou Neil Gaiman, autores de obras que podem seguramente fortalecer os hábitos de leitura e cativá-los, quem sabe, para outras dimensões como a mitologia clássica. Apesar da qualidade incontestável de muita da banda desenhada publicada, não é invulgar continuarmos a observar que existem bibliotecários com responsabilidades na promoção da leitura entre os adolescentes que ainda olham com desdém para este *medium*.

A FOME DE SUPER HERÓIS E A EXPLOÇÃO DE MANGÁ

Os super heróis e a *mangá* não podem ser vistos como géneros literários de segunda categoria. Para muitos são uma alegoria à vida moderna. A versão contemporânea dos deuses, semi-deuses e heróis da mitologia egípcia, grega e nórdica. Os super heróis em regra são superiores aos seres humanos. Tal como os deuses podem revestir características de imortalidade. Assim como as figuras mitológicas têm poderes fantásticos e sobrenaturais e têm, muitas vezes, por função dar à humanidade leis morais ou serem juizes do comportamento humano. Tal como Homero que criou Aquiles, o super herói grego que adquiriu super poderes ao ser mergulhado no rio Estige (o calcanhar ficou de fora sendo por isso o ponto fraco), como personagem central das magníficas aventuras da *Ilíada* – Stan Lee criou o Homem Aranha, herói mitológico que adquiriu grandes poderes ao ser mordido involuntariamente por uma aranha que havia sido exposta à radioactividade. Hércules, por seu turno, apresenta algumas semelhanças com o Super-homem (personagem de banda desenhada, não confundir com o *Übermensch* de Nietzsche). Ambos tinham uma musculatura de aço e os seus poderes foram conferidos à nascença. O primeiro por ser filho de Zeus e de Alcmena (uma mortal) e o segundo por ser filho de *Jor-El*, cientista oriundo do planeta *Krypton*. Por outro lado ambos são os mais populares entre os super heróis do seu tempo. Os heróis gregos e os super heróis como o Super-homem ou os *X-Men* partilham algumas características em comum: têm um poder especial (força no caso de Hércules) que os separa do ser humano médio. Possuem qualidades e fragilidades humanas o que por vezes os impede de entender plenamente os poderes que têm. São também únicos, insubstituíveis e, por isso, diferentes dos pobres mortais, embora sujeitos à “ira dos deuses”. Têm mau feitio e apesar de generosos por natureza são muitas vezes arrogantes e vingativos. Tal como os mortais estão também sujeitos a depressões (e.g.: *Batman*) e podem mesmo atingir a loucura (Hércules). Com os super heróis, cada personagem ou grupo de personagens vive naquilo que é designado como um “universo”. O universo tem regras pré estabelecidas que explicam porque os super heróis actuam da forma que actuam. A literatura tradicional tem a mesma espécie de regras. Por exemplo na colecção «Uma aventura» as gémeas, para além de iguaizinhas, são sempre duas raparigas despachadas e cheias de iniciativa. Nos livros do *Harry Potter* o herói será sempre um miúdo bom, corajoso e tímido. Da mesma forma que na série super-homem as pessoas do planeta *Krypton*, quando estão na Terra, serão sempre super. As regras que compõem estes universos podem ser mais ou menos complexas. A este

respeito *Martha Thomases* (gestora de publicidade numa das maiores editoras americanas de BD: a *DC Comics*) afirma que o seu filho aos quatro anos já consultava obras de referência sobre banda desenhada e super heróis, para melhor compreender os seus distintos universos.

Os super heróis nasceram e explodiram nos anos 30 (séc. XX) com a introdução do Super-homem e dos seus sucessores (*Batman*, Mulher Maravilha, Capitão América e outros). A Grande Depressão e a II Guerra Mundial foram talvez o combustível principal da indústria editorial de super heróis que se desenvolveu nesses tempos nos EUA. Na verdade estas revistas forneciam um *thriller* de entretenimento barato e apelativo para os soldados e jovens em geral. Desta forma as revistas de super heróis tornaram-se parte integral da cultura popular e de entretenimento dos EUA, com os super heróis mais populares a saltar das revistas para programas de rádio e produções cinematográficas.

O bibliotecário e *stand-up-comedian* Richard Gagnier escreveu [8]: «Um dos meus heróis preferidos da adolescência era Namor – o *Sub Mariner*. Rei da Atlântida, personagem de banda desenhada. Sempre nobre, ocasionalmente temperamental e defensor da vida marinha contra os saqueadores que viviam na superfície. Lembro-me do modo como ele se sentou algemado numa audiência de tribunal, em Nova Iorque, depois de acusado de ter cometido um crime. Sentou-se com a mesma dignidade e confiança com que se sentava no seu reino da Atlântida. Era um Rei, independentemente do estatuto a que estava temporariamente sujeito. E porque é assim tão importante lembrar-me de uma simples banda desenhada que li à vinte anos atrás? Porque o *Sub Mariner* era um herói. E o heroísmo interessa aos adolescentes», não apenas heróis de BD, como também estrelas de Pop, Rock, *hip hop*, jogadores de futebol, actores de cinema e lutadores de *wrestling*. Os super heróis que combatem o mal e as injustiças do mundo dão esperança aos jovens adolescentes. Esperança para tudo o que aparentemente está fora do seu controlo possa afinal de contas, ser efectivamente controlado. Os adolescentes gostam de super heróis pela sua determinação, sentido de humor, audácia e heroísmo capaz, inclusivamente, de salvar o mundo.

A grande maioria dos leitores de super heróis é composta por jovens adolescentes do sexo masculino [9]. Este fenómeno da masculinidade tem sido visto como uma espécie de maldição que paira sobre a BD e que leva as pessoas a pensar porque é que os outros – as raparigas e os adultos não gostam tanto de super heróis e de banda desenhada como os rapazes? Se isto é verdade na Europa e nos EUA para a banda desenhada de super heróis, ficção científica e aventuras o mesmo não sucede com a banda desenhada japonesa, a célebre *mangá*. De facto a edição da *mangá* no Japão é avassaladora em relação ao resto do mundo. Só as publicações semanais dirigidas a adolescentes superam os 30 milhões de exemplares vendidos por semana. Para as raparigas entre os 13 e os 18 anos (*shojo mangá*) o Japão vende mais de 10 milhões de exemplares por semana. E o mesmo sucede com os títulos para rapazes (*shonen mangá*). Neste país os hábitos de leitura começam aos 6 anos com a *shogaku* (banda desenhada

infantil), prosseguem com os títulos dirigidos a adolescentes do sexo masculino e feminino (supra), e continuam com uma oferta muito estratificada (universitários, executivos, donas de casa, operários, etc.) para os diversos públicos adultos. A partir dos anos 80 e sobretudo nos anos 90 do século XX a *mangá* tornou-se um fenómeno de culto entre os adolescentes e jovens adultos tanto na Europa como nos EUA.

A *mangá*, tal como o *animé* (cinema de animação japonês), é muito popular devido à sua excentricidade e à sua dinâmica que pode combinar a aventura, com ficção científica, fantástico, desporto, história e artes marciais. As suas personagens, ao contrário do que sucede com a banda desenhada norte americana de super heróis, apresentam muitas vezes grandes defeitos. Podem ser responsáveis por actos de grande crueldade e injustiça. Os vilões pelo contrário podem, por vezes, demonstrar valores morais elevados. As aventuras de *mangá* apresentam, muitas vezes, uma realidade menos maniqueísta do que os super heróis, onde a fronteira entre o Bem e o Mal é (na maioria das vezes) mais nítida. Isto também resulta do facto de o Bem e o Mal não terem no Japão o mesmo estatuto moral que têm no ocidente. Como não foi culturalmente tão influenciado pelos livros sagrados ocidentais (Bíblia, Tora e Alcorão) os seus valores mais elevados são outros, nomeadamente a dedicação, a disciplina, o esforço, o auto controle, a obediência ao mestre / ao superior (sensei). O sexo, na *mangá*, também é via de regra tratado sem grandes complexos e de forma despreocupada. Para a cultura japonesa o sexo é, por natureza uma coisa boa e não tem a carga negativa que apresenta nas culturas ocidentais. A nudez no Japão não é vista como pecaminosa. O simbolismo sexual é parte integrante da religiosidade e tem um sentido mágico ou estético, tal como o *Kama Sutra e os Tantras* no Hinduísmo. Contudo apesar do sexo e da acção (com violência) serem tratados como o são na banda desenhada japonesa (que é massivamente consumida pelos próprios japoneses) o país apresenta um dos índices mais baixos de criminalidade do planeta. São raros os assaltos, violações ou homicídios no país do sol nascente (apesar da sua visualização na *mangá* ser constante). Os dados estatísticos de criminalidade no Japão fazem corar de vergonha os índices de criminalidade nos EUA ou em Portugal. Pelo que cai por terra o argumento de que a visualização de cenas de violência torna os adolescentes mais propensos à própria violência. Os filmes de *Quentin Tarantino* são violentos e muito influenciados pela estética da violência nipónica (teatro kabuki, artes marciais, cinema e *mangá*) e no entanto são obras consagradas e aplaudidas pela elite cultural e artística do ocidente. Muitas vezes os educadores excluem a leitura de super heróis e *mangá* porque têm a noção de que se trata de um estilo de banda desenhada que contém doses exageradas de violência, horror e sobrenatural (o que nem sempre corresponde à verdade), ou porque são expressões do poder masculino. São, no entanto, géneros que (tal como a banda desenhada no seu todo) fundem a arte com o texto, oferecendo à leitura um *medium* totalmente novo para a promover. Como os super heróis e a *mangá* são apelativas entre os jovens, os educadores e os bibliotecários podem utilizá-las para promover leituras alternativas aos textos tradicionais, e

para apresentar os adolescentes à própria literatura que, de outra forma, o mais certo seria nunca virem a conhecer.

SUPER HERÓIS E MANGÁ NAS BIBLIOTECAS PORTUGUESAS

Em 2005 a Bedeteca de Lisboa efectuou um inquérito sobre as colecções de banda desenhada nas bibliotecas públicas. Num universo de 90 inquéritos responderam 30. O inquérito começou por perguntar qual o público-alvo das aquisições de BD: 33% responderam que as compras se destinaram sobretudo ao público infantil. Estes dados apresentam, contudo, uma incongruência face ao panorama nacional em que a edição de banda desenhada infantil é escassa. Das restantes respostas temos 29% de bibliotecas que compram BD a pensar no público adulto e 36% no público juvenil.

Estes dados ajudam a explicar o motivo porque 55% das bibliotecas arrumam a banda desenhada na secção infanto-juvenil. Na nossa opinião arrumar a BD neste sector pode constituir uma barreira entre o potencial leitor e a obra. Sabendo que a banda desenhada publicada em Portugal se dirige maioritariamente a um público adolescente, adulto e jovem adulto, não se compreende porque a maioria das bibliotecas insiste em arrumar o grosso da colecção nesta secção. Possivelmente faz tanto sentido arrumar a banda desenhada como arrumar o rock, o *hip hop*, a música independente, o jazz ou o cinema fantástico e de ficção científica na secção infanto-juvenil. O adolescente e o leitor adulto de banda desenhada não frequenta um lugar tão inusitado, como a secção infanto-juvenil (apesar da designação «juvenil»).

Quanto ao tipo de banda desenhada que as bibliotecas mais adquirem, verifica-se continuam a adquirir sobretudo álbuns de banda desenhada europeia e franco belga (72%), com uma clara vantagem sobre os super heróis norte americanos (14%), os romances gráficos (14%) e a *mangá* (0,1%). Estes resultados parecem demonstrar que existe ainda um certo preconceito em relação à BD de origem norte americana e ao universo dos super heróis, bem como à *mangá*. Possivelmente os *comics* norte americanos e a *mangá* ainda são vistos (erradamente) como obras de menor qualidade ou sendo conotados com alguma violência visual são automaticamente excluídos da selecção documental.

Quanto à aquisição de edições estrangeiras de banda desenhada (ou banda desenhada em língua estrangeira) esta prática é quase inexistente nas bibliotecas portuguesas, salvo o caso de algumas bibliotecas situadas nas grandes cidades (Lisboa e Porto) ou em zonas com elevada percentagem de estrangeiros residentes (e.g.: Algarve). Consideramos, contudo, que seria uma prática bastante positiva por dois motivos: Em primeiro lugar, numa altura em que a política de educação do Estado impõe a aprendizagem de línguas estrangeiras desde as idades mais tenras, como factor de competitividade (futura) dos nossos recursos humanos, a banda desenhada tal como o cinema ou a música *pop* surge como uma das formas mais eficazes de familiarizar os adolescentes com diferentes idiomas estrangeiros. Em segundo lugar como o mercado editorial português não publica um grande número de títulos consagrados da banda desenhada norte americana e japonesa (as edições de *mangá* em Portugal

são muito escassas) a aquisição de alguns títulos sobretudo em inglês e espanhol justifica-se plenamente.

CONCLUSÕES

- E existência de um bom e actualizado fundo de banda desenhada permite o acesso à verdadeira diversidade da colecção, requisito indispensável a uma literacia democrática.
- A banda desenhada de super heróis e *mangá* é muito apelativa aos *teenagers* e é uma ferramenta poderosa para motivar os leitores mais relutantes.
- Uma das razões apontadas pelos *teenagers* para não se interessarem pela leitura, reside no facto da literatura convencional infanto-juvenil ser considerada aborrecida ou “secante” (*damn boring*). Contudo as revistas e livros de super heróis ou *mangá* estão longe de pertencer a esta categoria.
- Os poucos educadores que se atreveram a utilizar este tipo de materiais nas salas de aula obtiveram resultados assinaláveis sobretudo com os adolescentes mais relutantes à leitura [10]. Os adolescentes que apreciam as aventuras de super heróis, são muitas vezes aqueles para quem a literatura tradicional não é apelativa.
- Muitas bibliotecas já descobriram que quando as colecções incluem materiais de banda desenhada e *maxime* materiais de super heróis e *mangá*, os adolescentes vão “investigar”. Vão ver o que se trata.
- A banda desenhada pode apresentar os estudantes à literatura que o mais certo seria nunca encontrarem, caso lhes fosse vedado o acesso [11].
- Ao contrário do que muitas vezes se pensa, a banda desenhada pode também ajudar os adolescentes a melhorarem as suas aptidões linguísticas, incluindo a aprendizagem de uma segunda língua. As ilustrações (apesar de não serem uma redundância do texto) podem fornecer pistas contextuais para o significado da narrativa escrita.
- Os adolescentes gostam de ler uma vasta tipologia de materiais incluindo periódicos, séries de ficção e livros de banda desenhada. A opinião prevalecente de que a banda desenhada não favorece o desenvolvimento da literacia é altamente questionável. A investigação tem demonstrado que a banda desenhada é um material de leitura apropriada em termos linguísticos, não trazendo nenhum impacto negativo no sucesso escolar ou na aquisição de destreza linguística.
- Por último, o país que mais lê banda desenhada (cifras em bruto) o Japão, é em simultâneo o país que mais lê e dissecar livros e periódicos científicos *per capita*. É um dos países mais ricos e com uma das maiores taxas de desenvolvimento humano do planeta. A leitura de banda desenhada em simultâneo com a leitura de livros técnicos e científicos pode ser uma combinação explosiva e funcionar como

alavanca do progresso num pequeno país na extremidade ocidental da Europa, tal como sucedeu nos anos 50 e 60 do século passado num pequeno país da extremidade oriental da Ásia.

NOTAS

1. UNESCO; IFLA – Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas. (1994). [Consult. 15 Dez. 2006.] Disponível em WWW: <URL: http://www.iplb.pt/pls/diplb/get_resource?rid=938>.
2. IFLA – Recommendations pour l'accueil des adolescents dans les bibliothèques publiques. (2002). [Consult. 15 Dez. 2006.] Disponível em WWW: <URL: <http://www.ifla.org/VII/s10/pubs/guidelines-f.htm>>.
3. GRAPHIC NOVELS SUGGESTIONS FOR LIBRARIANS. (2006). [Consult. 15 Dez. 2006.] Disponível em WWW: <URL: http://www.ala.org/ala/oif/ifissues/graphicnovels_1.pdf>.
4. AS MORE GRAPHIC NOVELS APPEAR IN THE LIBRARIES, SO DO CHALLENGES. Herald Tribune (2006). [Consult. 20 Dez. 2006.] Disponível em WWW: <URL: http://www.iht.com/articles/ap/2006/11/14/arts/NA-A-E_BKS_US_Banned_Graphic_Novels.php>.
5. GALLEY, M. – Going graphic: educators tiptoe into realm of comics. Education Week. 23:23 (2004). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]
6. REIN, L. – Hello Grisham – so long, Hemingway? Washington Post. (2007). [Consult. 2 Jan. 2007.] Disponível em WWW: <URL: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/01/01/AR2007010100729.html>>
7. CRAWFORD, P. – Using graphic novels to attract young readers and promote literacy. Library Media Connection. 22:5 (2004). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]
8. BUCHER, K.T.; MANNING, M.L. – Bringing graphic novels into a school's curriculum. The Clearing House. 22:5 (2004). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]
9. GAGNIER, R. – A hunger for heroes. School Library Journal. 43:9 (1997). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]
10. FREEMAN, M. – The case for comics. Reading today. 15:3 (1997). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]
11. SHWARZ, G. – Graphic novels for multiple literacies. Journal for adolescent & adult literacy 46:3 (2002). [Consult. 15 Dez. 2006, base de dados EBSCOhost.]